

REIVINDICAÇÕES

# Índios adotaram estratégias diferentes

Divididos em 2 grupos, indígenas da Kari-Oca e da Cúpula divergiram

Luciana Nunes Leal / RIO

Em meio a dezenas de mesas redondas, protestos criativos e passeatas de todos os tamanhos, os índios se destacaram na programação paralela da Rio+20, mas não estavam unidos em um único movimento. Com estratégias opostas, os 420 participantes da Kari-Oca e os 1,5 mil indígenas da Cúpula dos Povos chamaram atenção do público e das autoridades brasileiras e estrangeiras, a quem entregaram seus manifestos. E não se misturaram.

Organizados pela Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira (Coiab) e pela Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (Apib), os índios da Cúpula dos Povos eram mais ousados. Foram eles que, na segunda-feira, cercaram a sede do BNDES, alguns com trajes típicos e usando arco e flecha, o que assustou os seguranças.

Dois dias depois, partiu dos índios a iniciativa de avançar em direção ao Riocentro, durante passeata convocada inicialmente para protestar contra a remoção da favela Vila Autódromo para construção de instalações dos Jogos Olímpicos de 2016. Os manifestantes foram barrados por PM e Exército, mas fizeram o ministro Gilberto Carvalho, da Se-

cretaria-Geral da Presidência, deixar por alguns minutos a formalidade da conferência oficial e conversar com eles na rua.

“Nossa estratégia era ir para a rua. Se queremos mostrar que o BNDES financia empreendimentos que destroem a natureza, vamos à sede do BNDES. Não é possível fazer hidrelétrica a qualquer custo”, diz Marcos Apurinã, dirigente da Coiab e um dos coordenadores dos indígenas na Cúpula dos Povos, que dormiram no Sambódromo, na região central, e durante o dia faziam atividades no Aterro do Flamengo e em vários pontos da cidade.

Nascido na aldeia Camicuiã, no sul do Amazonas, Apurinã, de 42 anos, lidera desde 2004 o movimento Terra Livre, que acampa todo ano em frente ao Congresso, em Brasília. “Neste ano, trouxemos o Terra Livre para a Rio+20”, diz o líder, que ontem participou da comitiva que entregou o documento final da Cúpula dos Povos ao secretário-geral da ONU, Ban Ki-moon, e também do grupo que se reuniu com Gilberto Carvalho e a ministra do Meio Ambiente, Izabella Teixeira, na tarde de quinta-feira.

Presente às manifestações da Cúpula dos Povos, o cacique Raoni, da tribo caiapó, pediu a Gilberto Carvalho um encontro com a



Com armas. Indígenas que acamparam na Cúpula dos Povos saíram às ruas do Rio para protestar e pressionar autoridades



Discretos. Os índios da Kari-Oca foram mais diplomáticos

presidente Dilma. “Raoni é nosso grande líder, ele fala por nós”, elogia Apurinã. “Na Rio+20, chamamos atenção, fizemos mobilizações importantes, mas não al-

cançamos o objetivo de falar com a presidente”, reclama.

Responsável pelas apresentações culturais da Cúpula dos Povos, Garapirã Pataxó, do sul da Bahia, também se animou com a atenção do público. “Despertar interesse, agente desperta. A dúvida é o que vai acontecer depois”, diz o índio de 34 anos que se reveza entre a aldeia Barra Velha, em Porto Seguro, e a Aldeia Maracanã, no Rio, onde vivem 47 índios de 17 etnias.

Kari-Oca. Mais diplomáticos e discretos foram os representan-

tes de 20 etnias que passaram os últimos oito dias no acampamento Kari-Oca 2, em Jacarepaguá, próximo ao Riocentro. Aberto ao público durante o dia, o projeto teve apoio da prefeitura do Rio e foi idealizado pelo líder indígena Marcos Terena, que esteve à frente da mobilização dos índios na Rio-92, com o Kari-Oca 1. Os índios mostravam aos visitantes detalhes de sua cultura e montaram uma oca digital, onde tiveram aulas para fotografar e filmar as atividades e puderam usar computadores com acesso à internet.

Durante a Rio+20, os índios da Kari-Oca fizeram apenas uma passeata, na quinta-feira, quando levaram um documento ao ministro Gilberto Carvalho. Naquela noite, receberam no acampamento o ministro da Justiça, José Eduardo Cardozo, e a presidente da Funai, Marta Amaral Azevedo.

“O ideal da Kari-Oca foi o fórum de debate. Trabalhamos exaustivamente no documento final. Nossas expectativas não vão ser atendidas de imediato, mas conseguimos o objetivo de entregar o documento a lideranças importantes e de reunir os povos em debates diários. Levamos nossas reivindicações relativas a demarcação de terra, educa-

ção indígena, saúde para todos. Demos um passo à frente”, diz Cristine Takua, de 31 anos, da etnia tupi-guarani. Ela e o marido, Carlos Papá, levaram 15 crianças e adolescentes à Kari-Oca. Eles vivem na aldeia Ribeirão Silveira, no litoral de São Paulo.

“Não brigamos de borduna e flecha. Deixamos nosso recado pela caneta”, resume o cacique Iwrraru Karajá, de 46 anos, líder da aldeia Watau, na Ilha do Bananal, em Tocantins. Na Rio-92, Iwrraru viajou ao Rio como coadjuvante. “Hoje sou um líder. Valeu a pena viajarmos três dias para chegar aqui. Deixamos nossa reivindicação”, afirma.

Terena e Apurinã evitaram críticas mútuas, mas defenderam suas posições. “No dia da visita do ministro da Justiça à Kari-Oca, ouvi algumas vaias. Vi que vinham de indígenas da Cúpula dos Povos que estavam lá. Eu disse que ele era nosso convidado e que via não é tradição indígena”, contou Terena.

Apurinã lamentou que Terena não tenha se associado ao movimento na Cúpula dos Povos. “Terena é nosso parente, não tenho nada contra ele. A Kari-Oca na Eco-92 fazia todo o sentido. Convidamos para se aliarem a nós, mas eles optaram por outra programação.”

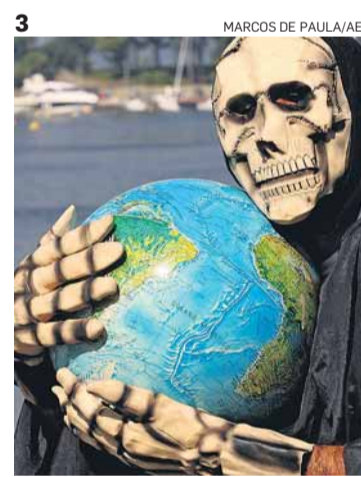
Galeria



1. Fim de festa. Estrutura da Cúpula dos Povos, no Aterro do Flamengo, na zona sul do Rio, foi desmontada ontem



2. Vik Muniz. O artista plástico posa com a obra que criou com lixo doado pela população



3. Pessimismo. Manifestante demonstrou preocupação



4. Cobrança. Na quarta, manifestantes lotaram a Avenida Rio Branco em uma grande marcha

## No dia seguinte, discussão ainda continua

Mariana Durão / RIO

O dia seguinte ao encerramento da Rio+20 foi o ponto de partida para a discussão de novos rumos para a humanidade. Inspirados no aniversário de 300 anos do pensador suíço Jean-Jacques Rousseau, que no século XVIII já debatia as relações entre homem, natureza e economia na

obra *O Contrato Social*, representantes da ONU, do governo brasileiro e estudiosos do tema se encontraram para debater a criação de um novo contrato social do século XXI.

A base do debate foi a ideia de que há um esgotamento do modelo que favorece a dimensão econômica do desenvolvimento, em detrimento dos eixos so-

cial e ambiental. E a necessidade de a sociedade civil se engajar na agenda do desenvolvimento sustentável pós-Rio+20. O ecossocioeconomista Ignacy Sachs defendeu cinco pilares para a construção de um futuro sustentável: novo contrato social, planejamento, segurança alimentar, segurança energética e cooperação internacional.

“Não acredito na mão invisível (do mercado). Nosso problema é o que fazer com esses cinco dedos da mão visível”, brincou. Ao detalhar esses pontos, ele citou a necessidade de uma estratégia de abandono da energia fóssil e criação de um fundo de desenvolvimento internacional baseado na taxação de operações financeiras e de emissões de carbono.

Uma avaliação mais crítica dos resultados da conferência do Rio, entretanto, partiu do diretor-executivo do Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (Pnuma), Achim Steiner. Ele comparou o documento final a um livro de culinária com muitos ingredientes mas sem receitas completas.

Fim da festa. Após dez dias de intenso movimento e agitação, o Rio teve um sábado de tranqüilidade nos principais espaços on-

de aconteceram os eventos da Rio+20. No Aterro do Flamengo, onde aconteceu os encontros dos movimentos sociais da Cúpula dos Povos, as tendas foram esvaziadas e a estrutura do evento começou a ser desmontada.

Na manhã de ontem, o movimento maior era de cariocas caminhando pelo parque, mas alguns ambulantes e grupos culturais ainda vendiam seus produtos e faziam atividades aproveitando os últimos visitantes.

/ COLABOROU ANTONIO PITA